

# AS DIFERENTES VISÕES DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOBRE ASSENTAMENTOS: UM ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO BELA VISTA DO CHIBARRO

Viviani Regina Marchi<sup>1</sup>

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo o desenvolvimento de uma comparação entre a mídia alternativa e a mídia de massa sobre o assentamento Bela Vista do Chibarro, o qual proporcionará a obtenção de dados reflexivos para se questionar sobre a interação das atividades agrárias, as questões socioeconômicas com a intenção de entender essa diferença entre a sociedade.

**Palavras - chave:** Meio Ambiente - Assentamento - Vídeo-documentário – Mídia

## Introdução

A pesquisa visa analisar as memórias coletivas, individuais e culturais através das mídias que serão estudadas.

Atualmente o local é conhecido como “Assentamento Bela Vista do Chibarro” teve seu começo no século XIX, em uma fazenda de café, posteriormente uma seção da Usina Tamoio e passando pela reforma agrária, assim se tornando assentamento desde 1989.

De acordo com Caires (1993), o local que antigamente se chamava “Fazenda Bella Vista” era um grande produtor de café na região, e pertencia ao Coronel Antônio Joaquim de Carvalho, um fazendeiro que possuía uma parte das terras que hoje integram o assentamento. A casa em que o Coronel morava, é conhecida como “Casarão”, tem um grande valor histórico, tendo a sua estrutura mantida até a atualidade, porém encontra-se deteriorada pelo tempo e falta de manutenção.

Com o declínio da cultura cafeeira no início do século XX, o local se transformou no Engenho Fortaleza, que na época possuía em torno de 2.000 alqueires, um prédio industrial de pequeno porte e casas do tempo do café. Dando espaço para a cultura açucareira.

O Engenho Fortaleza foi adquirido em 1917 por Pedro Morganti, um imigrante de origem italiana que chegou ao Brasil em 1890. Morganti foi um empresário da indústria sucroalcooleira nas décadas de 1920 a 1930, se dedicando à refinação de açúcar desde 1902, quando ainda estava na capital paulista trabalhando na comercialização de açúcar.

Após a aquisição do Engenho Fortaleza, o local passou a se chamar Usina Tamoio, no ano de 1930. A usina, nesse período, já contava com uma produção de 3.941,33 sacas de açúcar por ano, representando 12% da produção total de açúcar do estado de São Paulo.

Ainda de acordo com Caires (1993), ao longo do tempo, a Usina Tamoio passou por momentos difíceis, como a praga do mosaico (é um vírus que causa necrose nas folhas, raquitismo e esterilidade parcial ou total da planta, resultando na redução da produção, segundo a EMBRAPA/ 2009). Esta praga chegou a praticamente devastar os canaviais paulistas entre 1924 e 1926. Conseguiu recuperar-se de crises diversificando as variedades de canas, como as javanesas e indianas, que eram consideradas mais resistentes às pragas e tinham maior rendimento, conseguindo assim, retomar sua produção.

A relação entre a família Morganti e os trabalhadores, neste período da administração de Pedro foi considerada pelos próprios trabalhadores, como a mais amistosa entre ambas as partes.

No período da morte de Pedro Morgantti em 22 de agosto de 1941, a Usina Tamoio já possuía uma área canavieira de 5.278 alqueires. Com a morte de Pedro, seus filhos ocuparam os cargos administrativos da usina, principalmente Hélio Morgantti, sendo ele muito querido pelos trabalhadores do local, assim como seu pai.

Na administração de Hélio, o local passou por um processo de racionalização e burocratização, ou seja, contou com uma maior participação de chefes, gerentes, administradores, uma vez que Hélio morava em São Paulo capital e deixava a usina sob os cuidados dos chefes, fazendo com que os trabalhadores se sentissem “abandonados” pela família Morgantti.

Segundo Caires (1993), durante as décadas de 1940 e 1950, a Usina Tamoio teve o seu auge. O local passou por uma grande transformação positiva e chegou a ser visitado por figuras ilustres da época, como os presidentes da república, Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros.

Ainda de acordo com a autora, apesar de todo avanço, no final da década de 1950 e até meados de 1960, a Usina Tamoio já começou a apresentar sinais de crise. O paternalismo nas relações de trabalho vai se dissolvendo e dá lugar a um novo padrão de organização trabalhista mais racional, fazendo com que a usina inicie um processo de expulsão dos moradores e trabalhadores do local.

A Usina Tamoio decide não empregar os filhos dos ex-moradores e ex-trabalhadores, fazendo com que procurem empregos em cidades próximas como Araraquara, São Carlos e Ibaté. Os alugueis das casas começaram a ser cobrados, assim como a energia elétrica e o abastecimento de água, além do fechamento do armazém, fazendo com que os moradores dependessem da cidade para conseguir suprir suas necessidades.

Com toda essa situação, os trabalhadores insatisfeitos decidiram fundar um sindicato no interior da Usina Tamoio: o Sindicato da Indústria de Alimentação de Araraquara (STIAA). Este sindicato tinha como principal objetivo reivindicar direitos. Através de meios legais junto à Justiça do Trabalho, que as mudanças tiraram dos trabalhadores e moradores do local.

Em 1969, a situação chegou ao seu limite, fazendo com que a Usina Tamoio saísse do domínio da família Morgantti e passasse para o grupo Silva Gordo. O grupo chegou com inovações tecnológicas, adquirindo maquinários que ajudassem as transformações que já estavam ocorrendo até então.

Os postos administrativos passaram a ser ocupados por pessoas contratadas de outras organizações usineiras, que serviria para garantir a eficiência na produção. Segundo Caires (1993), essa administração transformou toda seção Bella Vista e demais seções, pois passaram a intensificar a fiscalização nos canaviais.

De acordo com Vera Botta (2011), trabalhadores antigos do local foram mandados embora, e convidados a realizarem um acordo junto ao grupo Silva Gordo para aceitarem o FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) que já havia sido colocado em prática ainda na era Morgantti, em 1967, sendo este, um meio útil para a rápida remoção dessa mão-de-obra. Alguns trabalhadores decidiram por aceitar o FGTS como uma forma rápida de desligamento da usina, outros aceitaram a proposta para permanecerem na empresa, pois alguns trabalhadores ainda sentiam certa afinidade com o local.

As indenizações em sua maioria eram para terem sido pagas em até 30 parcelas, porém, já nas primeiras parcelas, os pagamentos foram cortados, fazendo com que os trabalhadores procurassem a Justiça do Trabalho para poderem receber o restante dos valores e, caso não tivesse alguma solução, pleitear a anulação do acordo vigente.

Para Botta (2011), com a demora de uma solução para esse problema, as ações trabalhistas continuaram a aumentar de número, sendo os trabalhadores amparados pelo

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação de Araraquara (STIAA) para pleitearem o pagamento das diferenças salariais, férias, décimo terceiro salário, horas extras e descanso semanal remunerado, acarretados pela não aplicação do dissídio intersindical.

Outro fator responsável pelo aumento do número de ações nos anos de 1970 a 1976 foram muitas reivindicações, por parte dos trabalhadores demitidos, de pagamentos de diferenças de indenizações e outras verbas rescisórias, que fizeram as ações trabalhistas aumentarem neste período.

A situação chegou a um nível alarmante fazendo com que muitos trabalhadores deixassem de ter, voluntariamente, qualquer tipo de vínculo com a empresa liberando a usina a ter qualquer tipo de obrigação trabalhista para com os trabalhadores perante a Justiça do Trabalho. Em 1981 decretaram greve, devido á falta de apoio da empresa, não dando infraestrutura para a sobrevivência dos funcionários, a greve durou 120 dias em períodos alternados. A greve tomou grande proporção regional e não conseguiu ser resolvida.

Em 1983, a Fazenda Chibarro, local que é atualmente o assentamento, foi penhorada e leiloada pelo Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação de Araraquara (STIAA).

Apesar da compra, o grupo Silva Gordo tentou, pelos meios legais, ganhar tempo com o intuito de atrasar a entrega das terras para os trabalhadores, sob o argumento de farsa e simulação na arrematação das terras, de acordo com o grupo, o comprador não tinha qualidade e capacidade econômico-financeira para a aquisição da fazenda.

Em 27 de abril de 1987, finalmente o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação de Araraquara (STIAA) conseguiu a carta de adjudicação, que dava direito ás dívidas da Usina Tamoio, e assim pagar os trabalhadores, porém não levou essa ideia a diante, tentando uma possível conciliação com o grupo Silva Gordo para que o pagamento fosse feito pelo próprio grupo.

Segundo Botta (2011), durante uma assembleia realizada em junho de 1988, na sede do sindicato, foi defendido pelo advogado do próprio sindicato, que esta última proposta era o único meio viável para os trabalhadores receberem algum pagamento, caso contrário o processo corria o risco de ser embargado na Justiça do Trabalho, sendo então, realizada pelos trabalhadores uma votação para decidirem se aceitariam ou não a proposta.

A proposta foi aceita e a Fazenda do Chibarro, que é a seção Bela Vista da Usina Tamoio, passou a pertencer aos trabalhadores.

De acordo com a mesma autora, em 13 de abril de 1989, através de um decreto assinado pelo então Presidente da República, José Sarney, a seção Bela Vista foi declarada imóvel rural de interesse social e classificada como latifúndio de exploração, tornando-se assim, o Assentamento Bela Vista do Chibarro.

Atualmente, o assentamento é um grande fornecedor de produtos orgânicos para o município de Araraquara-SP, através da agricultura familiar, havendo feiras na cidade para a venda dos alimentos e um estabelecimento que também vende o que é plantado no assentamento.

Identificar como o assentamento Bela Vista do Chibarro é visto pelos vídeos-documentários, que é a mídia alternativa e na grande massa, com a escolha dos canais abertos, de maior repercussão e também, sites com a intenção de descobrir qual a diferença de cada meio de comunicação.

Entender sua influência, além de analisar como a sociedade enxerga a questão socioeconômica do assentamento, pois constroem relações diferentes com estes canais de comunicação em questão.

Analisar a influências desses meios de comunicação, para entender como a sociedade enxerga a questão socioeconômica do assentamento, a reforma agrária e a agricultura familiar, pois constroem relações diferentes com estes canais de comunicação em questão.

Verificar se ao longo do tempo houve diferença na forma de “ver” o assentamento pelos meios de comunicação.

## **Metodologia**

Os meios de comunicação que serão analisados são a mídia alternativa e a mídia de grande massa para notar como cada um retrata o assentamento Bela Vista do Chibarro. Com a análise dos canais abertos e sites, além de vídeo-documentários, os quais retratam de maneiras distintas o mesmo assunto.

A pesquisa deste projeto será desenvolvida com o auxílio de relatórios, entre textos e vídeos, sendo vídeos-documentários e programas da grande massa, além de entrevistas com personagens importantes dentro do contexto. Para isso pretende-se partir da pesquisa bibliográfica, que consiste em procurar respostas sobre um determinado assunto a partir de referências teóricas publicadas em documentos, livros e artigos.

Segundo Gil (2010), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado em livros, por autores que possuem conhecimento no assunto abordado.

Ainda de acordo com o autor, a pesquisa bibliográfica se desenvolve ao longo de uma série de etapas, para a elaboração do projeto, em primeiro momento, como escolha do tema, um levantamento preliminar histórico, formulação do problema, elaboração do plano provisório do assunto, além da busca de fontes, leitura de material, fichamento, organização lógica do assunto e redação do texto. Estes levantamentos são fundamentais para que o projeto se desenvolva e ganhe conteúdo.

Para Gil (2010), a principal vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato de permitir ao pesquisador a cobertura de vastas informações. A pesquisa também é indispensável nos estudos históricos, e para o autor, a pesquisa só será possível conhecendo os fatos passados tendo como base os dados bibliográficos.

A bibliografia pertinente oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, mas também explorar novas áreas, além de solucionar problemas complexos de uma determinada hipótese, como objetivo de deixar evidentes os dados ainda não conhecidos.

A pesquisa bibliográfica constitui o procedimento básico para os estudos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema. Gil (2010) esclarece que a pesquisa documental se assemelha à pesquisa bibliográfica, a principal diferença entre ambas está na natureza das fontes.

Para Marconi e Lakatos (1999), a pesquisa documental tem como base três variáveis que são “fontes escritas ou não”; fontes primárias ou secundárias; contemporâneas ou retrospectivas, podendo apresentar um quadro que auxilia a compreensão do universo da pesquisa documental (MARCONI e LAKATOS, 1999, p.98).

Segundo Marconi e Lakatos, é necessário entender cada uma das fontes e onde elas devem ser encontradas:

Os documentos de fonte primária são aquelas de primeira mão, provenientes dos próprios órgãos que realizam as observações. Englobam todos os materiais, ainda não elaborados, escritos ou não, que podem servir como fonte de informação para a pesquisa científica. Podem ser encontrados em arquivos públicos ou particulares, assim como em fontes não escritas como fotografias, gravações, imprensa falada (televisão e rádio), desenhos, pinturas, canções,

indumentárias, objetos de arte, folclore, etc. (MARCONI e LAKATOS, 1992, p.43).

Para Gil (2010), a pesquisa documental é utilizada em praticamente todas as ciências sociais e constitui um dos delineamentos mais importantes no campo da História e da Economia. Como delineamento, apresenta muitos pontos de semelhanças com a pesquisa bibliográfica, uma vez que nas duas modalidades utilizam-se dados já existentes, como livros e documentos.

Ainda de acordo com Gil (2010), na pesquisa documental o seu delineamento aproxima-se do experimental, usando fatos do passado, que são elaborados com dados disponíveis, mas que acabam sendo submetidos a tratamentos estatísticos, envolvendo até mesmo hipóteses.

A pesquisa documental assemelha-se a levantamentos, diferindo deste pelo fato de terem sido elaboradas com alguns dados disponíveis e não obtidos diretamente da fonte (pessoa).

Segundo o mesmo autor, os arquivos estão cada vez mais variados e o conceito de documento é constituído por qualquer arquivo que comprove o fato:

A modalidade mais comum de documento é a constituída por um texto escrito em papel, mas estão se tornando cada vez mais frequentes os documentos eletrônicos, disponíveis sobre vários formatos. O conceito de documento, por sua vez, é bastante amplo já que este pode ser constituído por qualquer objeto capaz de comprovar algum fato ou acontecimento. (GIL, 2010, p.31).

Outra técnica que será utilizada na pesquisa é a entrevista que é a coleta de dados, na qual, o pesquisador tem um contato direto com a pessoa, no sentido de inteirar-se de suas opiniões acerca de um determinado assunto.

De acordo com Lage (2014) “a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstrução de fatos”.

Para Medina (2000), a entrevista é qualificada como diálogo possível que explica esta técnica como interação social da comunicação:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando, assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação (...) Para além da troca de experiências, informações, juízos de valor, há uma ambição ousada de filósofos como Martin Buber já dimensionaram: o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os participantes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios (...) (MEDINA, 2000, p.8).

Para Marconi e Lakatos (1999), a entrevista é um processo entre duas pessoas na busca de informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversa de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social para a coleta de dados, ou para ajudar no diagnóstico, ou no tratamento de um processo social.

Segundo as autoras, existem dois tipos de entrevistas, a estruturada que é aquela em que o entrevistador segue um roteiro pré-estabelecido, ou seja, as perguntas feitas ao entrevistado são predeterminadas. E também a forma de entrevista não estruturada, em que o entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada, em geral as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversa informal.

A entrevista, que visa obter respostas válidas e informações pertinentes, é uma verdadeira arte, que se aprimora com o tempo, com treino e com experiência. Exige habilidade e sensibilidade; não é fácil, mas é básica. Quando o entrevistador consegue estabelecer certa relação de confiança com o entrevistado, pode se obter informações que de outra maneira talvez não fosse possível. (MARCONI e LAKATOS, 1999, p.98).

Ainda de acordo com Marconi e Lakatos (1999), a preparação da entrevista é uma etapa importante da pesquisa e requer tempo, pois o pesquisador deve ter uma ideia clara das informações de que necessita e exige medidas como planejamento, conhecimento prévio do entrevistado.

A entrevista é caracterizada com a data marcada com antecedência, a garantia que as informações cedidas na entrevista serão guardadas, além de ser necessário que o entrevistador organize o roteiro com perguntas necessárias para não ficar perdido perante os personagens.

## **Referências**

- CAIRES, Ângela Cristina. **Nem tudo era doce no império do açúcar (vida, trabalho e lutas da Usina Tamoio)**. Dissertação de mestrado em Sociologia. UNESP Araraquara, 1993.
- **Usina Tamoio: Lugar de trabalho e de vida**. Revista Uniara, Araraquara, vol. 18, n. 1, 2015.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.
- FERRANTE, Vera Lucia et. al. **De grupo escolar a educação do campo o caso da escola do campo no assentamento Bela Vista, em Araraquara/SP**. Cadernos da Pedagogia, São Carlos, ano 6, v. 6, n. 12, 2013.
- **Retratos de Assentamentos**. Revista do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural (Nupedor), Araraquara, vol. 14, n. 2, p. 95 – 129, 2011.
- LAGE, Nilson. **Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas**. Revista Pauta Geral em jornalismo, São Paulo, vol.1, n.1, 2014.
- LAKATOS E MARCONI. **Fundamentos da teoria científica**. 5ed. Editora Atlas, 2000.
- MEDINA, Cremilda Araújo. **Entrevista o diálogo possível**. 1ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- NICHOLS, Bil. **Introdução ao documentário**. 5ed. Campinas. Editora Papyrus, 2005.
- PENAFRIA, M. **O ponto de vista no filme documentário**. Universidade da Beira Interior, 2001.